

INÁCIO MÁRCIO DE JESUS FERNANDO JAQUETE

**IDENTIDADE, MEMÓRIA HISTÓRICA NAS PINTURAS RUPESTRES E O SEU
PUBLICO. UM OLHAR ÀS PINTURAS RUPESTRES DE CHINHAMAPERE-
MANICA**

Linha de Pesquisa: Memória e Espaço de formação

Orientadores:

Cyntia Simione França

Bruno Flávio Lontra Fagundes

Campo Mourão, PR

2020

IDENTIDADE, MEMÓRIA HISTÓRICA NAS PINTURAS RUPESTRES E O SEU PÚBLICO. UM OLHAR ÀS PINTURAS RUPESTRES DE CHINHAMAPERE-MANICA

Resumo

O projecto de pesquisa, com título “Identidade, Memória Histórica nas Pinturas Rupestres e o seu Público. Um olhar às pinturas Rupestres de Chinhamapere – Manica”, surge por um lado como produto de contínuas indagações sobre o significado que este património cultural, é atribuído pelas comunidades locais e por outro lado, pela fraca tendência de publicização desta que é uma das ricas fontes que traz a luz informações primárias sobre a vida dos primeiros habitantes na região e no país em geral. Com esta pesquisa, busca-se reflectir em torno do significado que as comunidades atribuem as pinturas rupestres de Chinhamapere, dado que há séculos esta comunidade encarrega-se pela sua preservação e conservação. Cabe de mesma forma a esta pesquisa, promover a publicização deste património, por meio de produção de caderno de memórias sobre as pinturas de Chinhamapere, que será partilhado aos diversos públicos, podendo ser utilizado pelos guias do local em eventuais casos de visitas ao local, também será distribuído às escolas do nível secundário e até às instituições de ensino superior para promoção de debates em plenária. Para a sua materialização será empregue o método indutivo, isto é, a informação colhida do grupo que será directamente envolvido na recolha de informações será inferida toda a comunidade, e os dados serão recolhidos através das técnicas de questionário e entrevista, que será alicerçado pela realização de alguns encontros com os guardiões do local com destaque na família responsável pela realização de ritos tradicionais para qualquer tipo de visita ao local e considerada de guia do local, ouvindo história das suas vidas enquanto membro das famílias guardiãs, as formas de realização das cerimónias rituais, e posteriormente sobre as memórias e significados que estas famílias atribuem as pinturas, também será empregue a técnica de revisão bibliográfica, que consistirá na leitura de várias literaturas em relação ao objecto de estudo da pesquisa. A interpretação das informações, será realizada mediante a análise qualitativa.

Palavras-chave: Pinturas rupestres, identidade, memória e Público.

Introdução

As pinturas rupestres são vestígios do passado que retratam a identidade e memórias dos primeiros habitantes. A semelhança de vários países do mundo, em África e particularmente em Moçambique pode ser observado inumeros patrimónios culturais e arqueológicos, em particular as pinturas rupestres que guardam memórias dos primeiros habitantes do país. Estas encontram-se distribuídas nas diferentes províncias dos país com destaques na região centro nas províncias de Manica, Tete, Zambézia e norte do país nas províncias de Nampula, Niassa e Cabo delgado.

Este estudo procura de forma científica, reflectir sobre o significado que as pinturas rupestres têm sido atribuídas como local que se encontra a identidade e memória histórica das comunidades do distrito onde estão localizadas as pinturas rupestres de Chinhamapere, o que a ajudará a compreender a razão o empenho secular desta comunidade na conservação e preservação deste património e por outro lado busca impulsionar a publicização as memorias que estão escondidas por de trás deste património, dado que, este local histórico e de muita relevância na compreensão do passado do povo moçambicano está apenas pantrimoanializada, mas, é sedenta de uma produção literária e científica que possa, fazer com que diferentes públicos a conheça e pelo mesmo seja valorizado como um património cultural a nível local, provincial, nacional até mesmo na diáspora.

O desenvolvimento do projecto obedece três fases principais, sendo na primeira faz-se menção de aspectos introdutórios, onde é apresentado o motivo da preferência pelo tema e o problema que se levanta sobre o mesmo. De seguida apresenta-se uma breve revisão teórica que fundamentará as discussões sobre a temática e por último apresenta-se aspectos metodológicos que darão suporte a materializar a pesquisa.

1.1.Justificativa

A historiografia sobre as pinturas rupestre a nível global, tem ganhado destaque e espaço de debate nos estudos arqueológicos com vista o resgate das identidades e memórias das comunidades locais. Vários historiadores contemporâneos da diáspora ocupam-se no estudo das artes rupestres para compreender diversos aspectos que caracterizaram a vida dos primeiros homens, como por exemplo, a vida social, económica, religiosa e espiritual.

A complexidade e originalidade das informações patentes nos vestígios deixadas nas rochas, cavernas e nas muralhas, constituem uma das principais razões pela qual, as pinturas

rupestres têm sido consideradas como fontes primordiais para entender vários aspectos que caracterizaram a vida dos nossos antepassados.

Nos últimos anos, principalmente na literatura Brasileira tem-se destacado pesquisas que vem dando ênfase à estudos sobre as pinturas rupestres e a publicização das memórias patente nelas, dado a importância que estas tem na compreensão da vida dos homens da pré-história, não só também, o receio destas memórias num curto, médio ou longo prazo sejam esquecido no tempo, este óbvio facto, tem incentivado a produção de vários estudos o que de certa forma enriquece a literatura sobre o assunto em destaque e ao mesmo tempo, torna vivo e sempre presente o passado.

Em Moçambique particularmente, infelizmente não se pode dizer o mesmo, são escassos estudos desenvolvidos sobre esta fascinante e relevante temática. Dos poucos escritos sobre o assunto, no caso específico das pinturas rupestres que se propõem desenvolver nesta pesquisa, abordam as pinturas na perspectiva de preservação e conservação deste património cultural, podendo-se destacar um dos estudos mais notáveis desenvolvido por NOTICE (2015), onde busca compreender a importância da preservação e conservação das Pinturas Rupestres de Chinhamapere como um legado cultural a nível das comunidades locais.

Esta situação que infelizmente caracteriza a realidade moçambicana, abre vago espaço para o desenvolvimento de pesquisas científicas que possam permitir explorar a potencialidade deste património sociocultural que de certa forma contribui substancialmente na busca, preservação e valorização da memória e identidade histórica das comunidades moçambicanas.

Este espaço de mesma forma, abre muitas possibilidades de produção de documentos que possa publicizar a história dos primeiros habitantes da região e do no país em geral, favorecendo a presença do passado no presente e evitando que estas memórias sejam um dia esquecidas.

Com isso, acredita-se que, a materialização desta pesquisa será extremamente importante no âmbito social, visto que, a ideia de produção de um caderno de memória sobre as pinturas oferecerá esta comunidade mais uma fonte onde serão registados vários aspectos ligado a sua história enquanto membro da comunidade, enquanto guardião das pinturas, também serão retratados os ritos que essas comunidades realizam e por fim o próprio

significado que as comunidades atribuem as pinturas, dando assim resposta a falta de documentos escritos sobre a pintura, não só, o seu património e as suas memórias, não serão apenas conhecido por um publico bastante limitado, passará a ser objecto de discussão em escolas, o que impulsionará a sua valorização por um público ampliado.

No entanto, a materialização destas pesquisas, poderá sem dúvidas despertar atenção a diversos publico sobre a necessidade da valorização dos patrimónios históricos e sobretudo a necessidade de registo e divulgação/publicização ou mesmo popularização das memórias históricas presentes nestes patrimónios, de modo que estejamos mais próximos do nosso passado e que para sempre seja lembrado pelas futuras gerações.

Portanto, é seguro afirmar que, a pesquisa contribuirá no enriquecimento da literatura moçambicana no contexto da memória e espaço de formação, o que tanto necessita, podendo assim, auxiliar a produção de outros estudos que seguramente serão desenvolvidos sobre o tema, dado a relevância que o assunto tem assumido na actualidade no contexto nacional e internacional.

1.2.Problematização

As artes rupestres são sem dúvida uma excelente forma de comunicação que retrata de forma detalhada sobre alguns aspectos que marcaram a vida dos primeiros habitantes de diferentes pontos do mundo. Estas facilitam a compreensão do passado e do presente, quando observadas atentamente e com um certo espírito de crítica.

A complexidade e originalidade das ricas informações gravadas nas paredes de rochas, nas grutas e cavernas têm chamado atenção de vários historiadores. Estas têm, se revelado como importantes e indispensáveis fontes para a reconstrução, transmissão de história local de gerações à gerações, também servem para resgate e preservação das identidades e memórias históricas das comunidades que vivem no território em que ocorrem.

Esta importância notabiliza-se principalmente em regiões onde há falta de registos escrito, como escrevem GAMBLE, 2002; JUSTAMAND, 2011, citado por PARELLADA, (2009, p.3) “a arte pré-histórica é um importante indicativo para se compreender o cotidiano desses grupos. Os registos gráficos são uma espécie de porta para se adentrar nesse universo simbólico, sobretudo em decorrência da falta de registos escritos inteligíveis”.

E, o continente africano, e Moçambique especialmente não é um caso de exceção, existe uma notável falta ou escassez de registos escritos sobre estes povos, mas em contrapartida dispõe de vários vestígios deixados sobre as rochas, cavernas (pinturas rupestres) que podem ser usadas para o resgate e preservação da identidade e memória histórica. Dada a situação, levanta-se a seguinte questão de partida:

Que significado as pinturas rupestres de Chinghamapere são atribuídas pelas comunidade locais no contexto de memória histórica?

2. Embasamento teórico

Neste item, procuramos analisar as diversas formas como as pinturas rupestres são compreendidas, visto que desde a sua origem até nos nossos dias, as mesmas têm sido percebido e interpretadas de diversas formas.

2.1. Conceito de Pinturas Rupestres

De acordo com MACAMO, 2003 citado por NOTICE (2015, p. 364) afirma que, as pinturas rupestres são um conjunto de manifestações artístico-simbólicas representadas nas paredes e tetos de cavernas, grutas e abrigos rochosos, representando parte integrante do património tangível e intangível das comunidades locais”.

Na óptica de PARELLADA e LICCARDO (s/d, p. 1) referem que, as pinturas rupestres são representações simbólicas de povos que viveram entre 10.000 e 300 anos atrás. Sobre o mesmo assunto GUEDES (2014, p. 11), afirma que pintura rupestre é uma identificação das regras de composição das estruturas simbólicas criadas e expressadas materialmente nas rochas.

2.2.As Pinturas Rupestres no Contexto Moçambicano

Em termos literários, em relação as pinturas rupestres no contexto moçambicano, são muito escassas as obras que fazem menção do assunto, apesar de o território dispor vários sítios em que pode-se observar vários vestígios rupestres dos povos do paleolítico. Esta situação de certa forma dificulta fazer uma abordagem muito aprofundada em relação ao assunto e ao mesmo tempo faz perceber que o interesse em estudar as pinturas rupestres a nível do país ainda é muito reduzido.

MAHOTA (2015, p. 4) as pinturas rupestres eram entendidas pelo Homem que a realizava como um ritual mágico e premonitório, eficaz para o controle de uma realidade, como por exemplo a das caçadas.

Era uma forma do homem dominar a natureza. A arte era algo possível a um ser dotado de experiência metafísica e religiosa, porquanto na sua essência a manifestação artística é sempre conceptual.

As pinturas rupestres no contexto moçambicano são percebidas de mesma forma como são compreendidas universalmente. Não obstante apresenta algumas particularidades que se assenta na quantidade, e a própria qualidade. A riqueza do património pictural rupestre de Moçambique está na quantidade de pinturas que se encontram no seu território, e na variedade e qualidade das mesmas. Nenhuma se repete nas suas expressões representativas, nem nos temas que serviram à sua inspiração. Os exemplos desta arte encontram-se predominantemente nas regiões do Centro e Norte.

As pinturas rupestres em Moçambique apresentam uma combinação de diferentes cores, o que as tornam uma verdadeira arte de beleza, segundo Rosa de Oliveira, a cor vermelha deve derivar da hematite (óxido de ferro anídrico); as cores de alaranjado, da limonite (sesquióxido de ferro hidratado); e as de chocolate, de um pseudo derivado da magnetite (óxido de ferro magnético).

Para demonstrar a grande quantidade de sítios históricos a nível do país que dispõem de alguns vestígios representados por pinturas rupestres das comunidades do paleolítico, de seguida faz-se menção de alguns dos principais sítios de acordo com (MAHOTA, 2015, p.7).

Em Moçambique a ocorrência das pinturas rupestres aconteceu em locais com condições favoráveis como nas pedras gigantes na sua maioria nas montanhas, cavernas e grutas. Na sua maioria encontra-se distribuídas em duas regiões do país, com destaque na região central e nortenha.

Nesta região centro do país pode-se encontrar as Pinturas rupestres de Zangaia: Estas estão localizadas na região do Posto de Chiúta na Província de Tete, Pintura de Chinhamapere: situadas na Província de Manica, distrito do mesmo nome, posto administrativo de Manica-Sede, Pinturas de Chifumbaze: Localizam-se num abrigo sub-rocha de Quartzite, existente num monte a cerca de 3 a 4km de Chifumbaze, em Macanga, Tete, Pinturas de Chicolone: Fica a uns 40Km a nordeste de Chifumbaze e a uns 7Km do rio Vubue, província de Tete, e Pinturas de Campote: Fica situado num abrigo sub-rocha, no sopé da serra do mesmo nome, em terras do chefado Cuelia, província de Manica.

E na região norte, podemos encontrar Pinturas rupestres, do Monte Sopé: Estão localizadas na área do posto de Muembe, na Província do Niassa, Pinturas de Riane: Localiza-se no interior de uma gruta, no cume da Serra Riane, província de Nampula, na face voltada a nascente, existente na circunscrição do Érati.

No entanto, a vasta disponibilidade das pinturas rupestres, representa uma das possibilidades de reconstrução da história de Moçambique especialmente dos povos que produziram as mesmas, visto que através delas, podemos compreender os acontecimentos históricos dos povos, hábitos, costumes, manifestação cultural, religiosa e a busca de identidades.

2.3.Descrição Pinturas Rupestres de Chinhamapere

As pinturas rupestres Chinhamapere, tanto como outras existentes em Moçambique fazem parte do património cultural, pois na legislatura moçambicana considera-se património cultural “o conjunto de bens materiais e imateriais criados ou integrado pelo povo moçambicano ao longo da história, com relevância para a definição da identidade cultural

moçambicana”¹. Nelas estão guardados legados e memória histórica dos povos da região e do país todo.

As pinturas rupestres localizam-se na região centro do país, na província de Manica e no distrito do mesmo nome.

A Província de Manica está localizada no Centro-Oeste do País, ao longo da fronteira com o Zimbabwe, entre os paralelos 21° 34' 07'' e 16° 24' 05'', Latitude Sul, 34° 01' 47'' e 32° 42' 45', Longitude Oeste. A superfície total da Província é de 61.661 Km², cerca de 7,7% da superfície total de Moçambique. (Plano Estratégico de Desenvolvimento de Manica,2011,p.2).

De acordo com MUCHANGOS (1999, p.15) “Manica, ocupa no centro do país uma superfície de 61.661 km², (...). A sua capital é a cidade de Chimoio, situada no planalto do mesmo nome. Confina a norte com a província de Tete e a Este com a província de Sofala. O limite Ocidental é feito através da fronteira estatal com o Zimbabwe. A Sul o rio Save separa-a das províncias de Inhambane e Gaza”.

Os limites da Província são, a Norte a Província de Tete, através dos Rios Luenha e Zambeze; a Sul é limitado pelas Províncias de Gaza e Inhambane, através do Rio Save; a Este, separa-se da província de Sofala e a Oeste, faz fronteira com a República do Zimbabwe. (Idem).

O distrito de Manica que pelo sinal ostenta de mesmo nome da província “ localiza-se na parte central a Oeste da Província de Manica, limitado á norte pelo distrito de Bárue - Manica, e à sul pelo distrito de Sussundenga. A Este o distrito de Manica e limitado pelo distrito de Gondola-Manica e a Oeste pela República do Zimbabué (MAE, 2005). No entanto, o distrito de Manica possui uma superfície de 4.383 km²”

2.3.1. Localização das Pinturas Rupestres de Chinhamapere

NOTICE (2015, p.366) “as PRC localizam-se em um abrigo de uma rocha gigante, em sua parte plana, em uma área de 3 m² da Serra Vumba, na parte noroeste do monte Chinhamapere¹, na província de Manica, distrito e cidade de mesmo nome”.

¹ Lei nº 10/88

Estão entre as coordenadas 18° 57' 54" S e 32° 51' 61" E, seguindo pela estrada nacional nº 6, no sentido Oeste, que liga ao Zimbábwè, numa distância de 3 km da referida cidade.

Seu acesso é feito por uma trilha aberta até uma povoação que fica no sopé do monte. De lá em diante, o itinerário é sobre um declive fortemente acentuado . Os contrafortes da Serra Vumba e o monte Chinhamapere têm uma extensão aproximada de 15 km, e pertencem às “orogenias iniciadas no pré-câmbrico, nomeadamente, os complexos rochosos do chamado Cratão Rodésiano, formados a mais de 3.500 milhões de anos” (MUCHANGOS, 1999, p. 20).

A Serra Vumba e o monte Chinhamapere fazem parte de um planalto de rochas predominantemente metamórficas intrudidas por granitos em toda sua extensão, ao longo da fronteira com o Zimbábwè, que em conjunto formam a escarpa de Manica, onde se localiza o pico mais elevado do país (monte Binga 2.436 m).

Chinhamapere apresenta na sua parte mais alta largo e pedregulho. O principal painel com pinturas é circundado por uma vegetação densa, com imponentes árvores no seu cume.

É importante referir que vários autores nacionais associam estas pinturas rupestres para explicar a permanência de dois grupos considerados primeiros habitantes da região e do país (Khoisan e Bantu).

Segundo LANGA (2012, p.25)

Os Khoisan caçadores e recolectores, já apresentavam uma organização social e de desenvolvimento que os Bantu já tinham ultrapassado há muitos séculos. Eles foram os primeiros habitantes da África Austral, incluindo Moçambique. Os tais, já estavam organizados em uma estrutura pequena onde a caça, a pesca, a colheita de frutos e vegetais selvagens eram as actividades básicas destes povos. Os seus instrumentos de trabalho eram muito rudimentares.

E posteriormente os povos Bantos que já conheciam a pratica da agricultura que por razões climáticas foram forçados a migrarem da região dos Grandes lagos, no centro da África para o sul de África, tendo-se fixado em Moçambique especialmente na zona centro.

2.3.2. Constituição das pinturas rupestres de Chinhamapere

A arte de Chinhamapere é uma expressão patrimonial (herança da ancestralidade) cujo valor ultrapassa as fronteiras étnicas, tornando-se, assim, património da humanidade.

Chinhamapere contém um conjunto de imagens únicas da arte rupestre das comunidades de caçadores e coletores e assenta um rico e conhecido contexto arqueológico.

O lugar encerra eventos do passado e reflete um longo período da pré-história e da época dos bosquímanos, primeiras comunidades que habitaram Moçambique. Antes da chegada dos bantu no território moçambicano, por volta dos anos 300 d.C., existiram em Moçambique comunidades ou grupos humanos que se destacaram por sua forma de vida, os Bosquímanos. Viviam em grupos menores nómades e/ou semi-nómades, habitando nas cavernas ou grutas, perto das rochas e em cabanas feitas de capim, e eram chefiados por um ancião.

As pinturas rupestres de Chinhamapere, cujos atores são os Bosquímanos, correspondem a três principais fases e/ou períodos distintos. Ao primeiro período correspondem as figuras que primeiro foram pintadas na rocha, a vermelhão e alaranjada, constituídas por figuras masculinas e um grupo de vários outros humanos, com arcos e flechas uns, enquanto outros seguram, nas costas, mortos e feridos; talvez após combate (OLIVEIRA, 1963, citado por NOTICE, 2015, p.369).

Ao segundo período, pertence os dois antílopes, em vermelhão um, e alaranjado outro; que pode ser uma continuidade do primeiro período. E também várias figuras antropomórficas em vermelhão, estilizadas e fliformes, montando uma delas um antílope em cor de laranja.

O terceiro período representa uma sobreposição aos anteriores, mas com cores mais pronunciadas.

A esse período se atribui os seis caçadores bosquímanos com arcos e flechas, pintados em cor castanha, que representa todo o conjunto pictórico. Serra (2000, p. 10), afirma que “é provável que algumas dessas pinturas feitas pelos caçadores e recolectores demonstrem a existência de luta entre eles e os agricultores chegados.



FIGURA 1. Pintura Rupestre – Chinhamapere – Manica

Fonte: <http://oficinadesociologia.blogspot.com/2010/01/manica.html>

Contudo, todas as pinturas de Chinhamapere indicam a omnipresença do homem primitivo no território moçambicano, onde os artistas viviam da caça, pesca, tendo largos repousos nos quais procuravam reproduzir todos os seres que os rodeavam.

2.4. Contributo das Pinturas rupestres na apresentação de identidade e memória histórica.

Conservar um património é conservar a memória dos nossos antepassados, a nossa identidade. A participação da população na conservação do património histórico-cultural é vista hoje, prioritariamente, como uma questão de cidadania e, com tal, interessa a todos por se constituir em direito fundamental do cidadão e pilar para a construção da identidade cultural.

Os órgãos tem o dever de conservar mas também, é essencial a participação de toda a população, no processo de preservação e conservação do património cultural, seja na elaboração e implementação das políticas de preservação e conservação do património cultural.

Na óptica de PELEGRINI (2004, p. 167),

A conservação de bens patrimoniais deve ter por finalidade manter traços da vida comum, quotidiana, e mostrar como vivia a sociedade em determinadas épocas, pois o que tende a ser conservado sempre será o objecto considerado valioso, seja pelo valor material de que è composto, seja por uma herança histórica ligada a uma personalidade ilustre.

A conservação de bens patrimoniais deve ter por objecto construções que tenha um significado colectivo para determinada comunidade, pois se perpetuam a memória de uma sociedade e preservando-se os espaços utilizados por elas na construção da sua história.

A importância da conservação do património cultural está plasmada na Constituição da República de Moçambique de 1990, ao referir que: “No património cultural esta a memória do Povo, a sua protecção assegura a imortalidade e a transmissão às gerações futuras não só do legado histórico, cultural e artístico dos nossos antepassados como também das conquistas, realizações e valores contemporâneos. [...] a deterioração, desaparecimento ou destruição de qualquer parcela do património cultural constitui uma perda irreparável, competindo aos diversos organismos públicos e privados e aos cidadãos em geral, a responsabilidade de impedir este processo de empobrecimento do nosso país”. (MEC/DINAC, 2003).

3. Objectivos da pesquisa

3.1. Objectivo Geral

- Reflectir sobre o significado atribuído das pinturas rupestres de Chinhamapere pelas comunidades circunvizinhas

3.2. Objectivos Específicos

- Descrever a evolução histórica das comunidades moçambicanas;
- Explicar a importância das pinturas rupestres na preservação da identidade e memórias histórica;
- Apresentar o significado que pinturas rupestres de Chinhamapere são atribuídas pelos seus guardiães.
- Propor mecanismos para publicizar as memórias das comunidades de circunvizinhas de Chinhamapere.

4. Metodologia da pesquisa

4.1. Método de pesquisa

Os métodos esclarecem acerca dos procedimentos lógicos que deverão ser seguidos no processo de investigação científica dos fatos da natureza e da sociedade. São, pois, métodos desenvolvidos a partir de elevado grau de abstracção; que possibilitam ao pesquisador decidir acerca do alcance de sua investigação, das regras de explicação dos fatos e da validade de suas generalizações. Podem ser incluídos neste grupo os métodos: dedutivo, indutivo, hipotético-dedutivo, dialéctico e fenomenológico.

No entanto para esta pesquisa será utilizado **método indutivo**

O método indutivo procede inversamente ao dedutivo: parte do particular e coloca a generalização como um produto posterior do trabalho de colecta de dados particulares. De acordo com o raciocínio indutivo, a generalização não deve ser buscada aprioristicamente, mas constatada a partir da observação de casos concretos suficientemente confirmadores dessa realidade.

A utilização deste método de pesquisa, consistirá na análise das informações recolhidas no campo de estudo através da amostra da pesquisa, cujas inferências servirão para o universo da pesquisa.

3.2. Pesquisa quanto a abordagem

Do ponto de vista da forma de abordagem do problema pode ser: Quantitativa e Qualitativa. No entanto esta pesquisa quanto a sua forma de abordagem é Qualitativa.

De acordo com SEVERINO (2002, p. 94) pesquisa qualitativa permite mergulhar na complexidade dos acontecimentos reais e indaga não apenas o evidente, mas também as contradições, os conflitos, e as resistências a partir da interpretação dos dados no contexto da sua produção.

No entanto com esta forma de abordagem procuramos dar respostas do ponto vista qualitativo ao problema levantado, isto é, o pesquisador não se limitará na representação numérica das informações colhidas no campo de estudo, examinará ou confrontará as diversas ideias recolhidas dos pesquisados de modo a permitir a melhor compreensão do objecto de estudo.

3.3. Técnica de Recolha de Dados

A pesquisa será desenvolvida baseando-se na pesquisa Bibliográfica, dando ênfase a leitura de boletins, jornais, revistas, livros, pesquisa, monografias, teses, e outras diferentes fontes. É importante referir que a pesquisa bibliográfica será conjugada com a técnica de Pesquisa de Campo que consistirá em observar os factos e fenómenos tal como ocorrem espontaneamente, na colecta de dados a eles referentes e no registo de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los.

E no que tange as técnicas de colecta de dados, serão usadas duas técnicas principais, a Entrevista e a Observação.

- **Entrevista**

A utilização desta técnica consistirá num encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional.

Para a sua operacionalização será privilegiado encontros em conjunto, onde cada encontro terá propósitos buscar informações sobre as suas histórias como membro integrante da comunidade circunvizinha das pinturas rupestres de Chinamapere, o segundo, o objectivo será de inteira-se dos modos como são realizados os ritos que antecede a visita às pinturas rupestres, e o ultimo encontro será reservado para a visitas das pinturas ouvindo as memórias que as figuras gravadas nas grutas revelam e perceber a importâncias que as pinturas são atribuídas pelos guardiãs.

Observação

A observação é Uma técnica de colecta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenómenos que se desejam estudar. (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 190).

No entanto, a observação consistira na verificação atenta, na forma como realizam os ritos que antecedem as visitas, a forma como se relacionam como as pinturas, inclusive as acções desenvolvidas no âmbito da sua conservação.

Cronograma

Tarefa/Atividade	Ano e Mês											
	Março a Julho de 2020	Agosto a Dezembro de 2020	Março a Junho de 2021	Julho a Setembro de 2021	Outubro a Dezembro de 2021	Fevereiro a Abril de 2022	Julho a Agosto de 2022	Setembro a Dezembro de 2022	Fevereiro a Abril de 2023	Junho a Setembro de 2023	Outubro a Dezembro de 2023	
Aprimoramento do Projeto com Orientador/a	■	■										
Cumprimento dos Créditos das disciplinas	■	■										
Levantamento Bibliográfico e Aprimoramento		■										
Análise crítica do material/Revisão da Literatura		■	■									
Cumprimento do Estagio Docente			■									
Levantamento dos Dados (Primeira fase)				■								
Qualificação do Projeto de Pesquisa				■	■							
Troca de experiência no Núcleo de pesquisas inclinadas na área de estudo em universidades que tem vínculo com Universidade santa Catarina				■								
Levantamento dos Dados (Segunda fase)						■						
Elaboração detalhada da base de dados da pesquisa						■	■					
Descrição e Análise dos resultados da pesquisa								■	■			
Participação em Eventos relacionados à área da Historia		■	■		■					■	■	
Redação provisória da TESE						■	■	■				
Redação final da TESE									■	■		
Entrega e Apresentação/Defesa da TESE											■	■

Fontes

BLOCH Marc, *Apologia da Historia ou ofício de História*, edição Brasileira, Jorge Zahar Editor, 2002.

JÚNIOR Francisco das Chagas F. Santiago, *Dos Lugares De Memória Ao Patrimônio: Emergência E Transformação Da Problemática Dos Lugares*, São Paulo, 2015.

JUSTAMAND Michel, *As Pinturas Rupestres Do Brasil: Memória E Identidade Ancestral*, Brasil, 2014.

JUSTAMAND Michel, MARTINELLI Suely Amâncio, OLIVEIRA Gabriel Frechiani de e SILVA Soraia Dias de Brito, *A Arte Rupestre Em Perspectiva Histórica: Uma História Escrita Nas Rochas*, Campinas São Paulo, 2017.

LE GOFF Jacques, *História e Memoria*, Campinas, editora da UNICAMP, São Paulo, 1990.

Lei nº 10/88 de de 22 de Dezembro.

LIDDINGTON Jill, *O que é História Publica? Os Públicos e seus Passados*, São Paulo, Letras e Voz, 2011.

NOTICE Joaquim, *Pinturas rupestres de Chinchamapere: uma perspectiva da preservação do patrimônio sócio-cultural de Moçambique no contexto da gestão ambiental*, Maputo 2015.

PAIM Elisa Antonio, PEREIRA Pedro Mülbersted e FREIRE Ana Paula da Silva. *Diálogos Com Walter Benjamin Memórias e Experiências Educativas*, Florianópolis, 2018.

PARELLADA Cláudia Inês, *Arte Rupestre no Paraná*, Brasil, Curitiba 2009.

SANTHIAGO Ricardo, *Que História Publica Queremos: Pode-se falar de uma História Publica Brasileira?*, São Paulo, Letras e Voz, 2018.

SANTHIAGO Ricardo. *Duas Palavras, Muitos Significados: Alguns Comentários sobre a História Publica no Brasil*, São Paulo, Letras e Voz, 2016.

Referencias Bibliograficas

AGUIAR Rodrigo Simas, *Arte Rupestre*, Brasil, 2012.

GASPAR MaDu, *A Arte Rupestre no Brasil*, 2ª ed. Rio de Janeiro, 2006.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade *Metodologia Trabalhos Científicos: Procedimentos Básicos, Pesquisas Bibliográficas, Projecto e Relatórios, Publicação e Trabalhos Científicos*. Editora Atlas, São Paulo; 1999.

LANGA José Maria do Rosário Chilaúle *Análise De Impactos Da Produção De Alternativas Agroenergeticas Em Moçambique: O Caso Da Província De Manica*, São Paulo, 2012.

Lei nº 10/88 de de 22 de Dezembro.

MAHOTA Sérgio Fernando, *Artes Rupestre em Moçambique*, Maputo, 2015.

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos e Metodologia Científica*; 5ª ed. Editora Atlas, São Paulo; 2003.

MORELATO Andressa da Silveira, *A Aplicação das Cações de Preservação do Património Histórico: Do Monumento Isolado à Paisagem Cultural*, s/d.

MUCHANGOS Aniceto dos, *Moçambique Paisagens e Regiões Naturais*. Moçambique 1999.

NASCIMENTO Maria Donadia, *O monumento Histórico e o Sítio: Preservação da Paisagem e Fisionomia dos Aterrados*, Londrina, 2005.

NOTICE Joaquim. *Pinturas rupestres de Chinghamapere: uma perspectiva da preservação do património sócio-cultural de Moçambique no contexto da gestão ambiental*. Maputo 2015.

PARELLADA Claudia Inês *Arte Rupestre no Paraná*, Brasil. 2009.

PELEGRINI, Sandra C. *Cultura e património histórico. Estratégias de preservação e reabilitação da paisagem urbana. Latino-américa. Revista de Estudos Latino-americanos. México, Universidade Nacional de México*, 2004.

PLANO ESTRATÉGICO DE DESENVOLVIMENTO DA PROVÍNCIA DE MANICA. 2011-2015. Moçambique, Manica, 2011.

SEVERINO, António Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 22 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SIMÃO, Maria Cristina Rocha. *Preservação do Património cultural em Cidades*. Belo Horizonte: Autentica, 2001.